



## LÍNGUA DE SINAIS: UMA MÁQUINA DE GUERRA?<sup>1</sup>

*Manoelisa Goebel<sup>2</sup>*

**INTRODUÇÃO:** A sociedade construiu um mito, o qual envolveu e constituiu a esfera que engloba todos aqueles, que por algum motivo não utilizam a linguagem verbal. Em virtude disto, foram fechadas possibilidades de evolução, destinando-os ao pertencimento de uma “minoría”. Um significante para tudo isto nasceu, para justificar que não estão em concordância com o que o poder maior deseja, já que o código explicita que fogem da norma, não são capazes de ser como deveriam ser, são deficientes. A língua de sinais não é língua, a justificativa encontrada e que dá início ao estigma presente aos envolvidos num processo considerado de fuga. É o preço que pagam, por terem quebrado o pacto, aquele de nascer sadio e perfeito, e em virtude disto, a falta de um status lingüístico potencializou a criação de um subsistema que visava justificar a própria incapacidade de conseguir capturar estes que não se rendem à guerra. A marca, que vai contra a norma, condicionada a uma representação negativa, vive ainda, pois foi interiorizada numa das várias línguas que vivem na língua de sinais e tem influenciado as gerações do povo surdo. É em virtude dos fatos que uma questão prevalece, é a língua de sinais realmente considerada em âmbito social, uma língua?

**MATERIAS E MÉTODOS:** baseando-me na obra Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia de Deleuze & Guattari, é possível comparar a luta de uma máquina de guerra contra o aparelho do Estado, como sendo a luta travada pela língua de sinais e todos a ela conectados, principalmente seus principais usuários, denominados aqui de surdos, contra a lei maior previamente estabelecida, a qual lhe coloca num lugar social de minoria, pois ainda hoje em vários momentos não é considerada uma língua de fato. Júlia Kristeva diz que a linguagem é como uma chave do homem e da história social é como uma via de acesso às leis do funcionamento da sociedade. É tendo este acesso, que pertencço a sociedade, faço parte e serei um da “maioría”, pois tenho criados para meu desenvolvimento mecanismos adequados, os quais me dão o devido suporte, garantindo que eu esteja neste lugar e nesta condição. Somos aquilo que nos é possibilitado, mesmo que capturados por este sistema, seguindo-se um pacto, respeitando-se as regras do jogo, subordinando-se ao estabelecido, sem perceber a palavra de ordem que está por de traz de tudo. Então questiono, realmente foi proporcionado aos surdos, através da língua de sinais, mecanismos compatíveis com a sua estrutura visual? O Estado é a soberania, mas a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente e as minorias, os bandos, confirmam os direitos de sociedades segmentarias contra os órgãos de poder do Estado, como citam Deleuze e Guattari . Não estando sob a mesma lei, é necessário ir ao encontro das suas próprias leis, do seu próprio código, em movimentos de fuga, não aceitando subjugação, no entanto, ficando fora, criando suas próprias formas de existência e sobrevivência. Nasce então o excluído, na verdade um personagem coletivo para esta história, pois a imposição de um significante pela lei maior, faz nascer fluxos de descodificação, uma multiplicidade de fugas, movimentos de minoria e maioria. Minoría, pois não terão a conexão com o todo do Estado, maioria, pois entre eles, estarão interligados através da condição que os une, a regra que não seguem. **RESULTADOS:**



Sabe-se que sempre haverá luta, pois sempre existirão aqueles que não se deixarão envolver no processo de captura do Estado, não serão sugados muito menos enquadrados, tornando-se outra máquina, a máquina de guerra contra o poder do Estado. Não concordarão com as imposições da sobre-codificação, muito menos a condição criada para eles. Desejarão formar seu próprio código, sair do lugar que lhes foi dado dentro do sistema, se é que foi dado algum lugar, algum nome. Buscarão sobreviver nos vários embates, pois estarão indo contra a norma, não se conectarão ao restante, não terão as mesmas condições nem mecanismos, pois afinal de contas, quebraram o pacto e irão conjurar o estabelecido. **CONCLUSÃO:** a máquina de guerra da língua de sinais foi uma, das tantas criadas ao longo da evolução humana e isto é perceptível quando se conhece a realidade do movimento das comunidades de surdos. Ainda há uma forte tendência de não aceitar a forma de expressão da língua de sinais como língua de fato, no entanto, há um processo organizado que toma a cada dia mais força pelo povo surdo unido, interligado através desta que é considerada sua língua natural. São passeatas, momentos de discussão e reivindicação, ações que visam a criação de dispositivos que realmente venham colaborar com sua evolução, desconstruindo o mito. Eles, a máquina de guerra, não mais aceitam a condição imposta, já que eles próprios, sentem agora quem são realmente. E estas atitudes desta comunidade espalhada pelo mundo, a qual não possui uma única pátria e muito menos uma terra, mostram que a sociedade em breve necessitará repensar e se reestruturar. Chego ao ponto de questionar se nós a “maioria” estaremos preparados para isto? Não seria uma nova máquina de guerra se erguendo no horizonte? Será que tentarão frear novamente este processo?

#### REFERÊNCIA:

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

<sup>1</sup> Artigo baseado na pesquisa para dissertação de mestrado.

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências